



Palco

&

Asfalto

Um retrato dos artistas de rua na maior cidade do país

Thatiane Ferrari

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão

Trabalho de conclusão do
Programa de Pós-Graduação Lato Sensu
em Jornalismo Cultural
Orientação: Prof. Dr. João José de Oliveira Negrão

FERRARI, Thatiane. Palco & Asfalto - São Paulo, 2016.
Livro-reportagem (Pós-Graduação em Lato Sensu em Jornalismo Cultural) Coordenadoria
Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão - PUC-SP

1 – Cultura Popular 2 - Artistas de Rua
1 – Título.

Projeto Gráfico, diagramação e capa: Mariana Fernandes da Matta.
Revisão: Vivian Hernandez Alamo.
Fotos: Thatiane Ferrari.

"Todos os direitos reservados a Thatiane Ferrari.

Esta publicação não pode ser reproduzida sem a autorização prévia da autora".

"Um povo que não ama e não preserva suas formas de expressão mais autênticas jamais será um povo livre".

- Plínio Marcos -

Aos meus pais



Sumário

7 Prefácio

9 Introdução

18 Eduardo Evans

24 Lucio Freitas

30 Káfrika FolkPop

35 A Dupla da Paulista

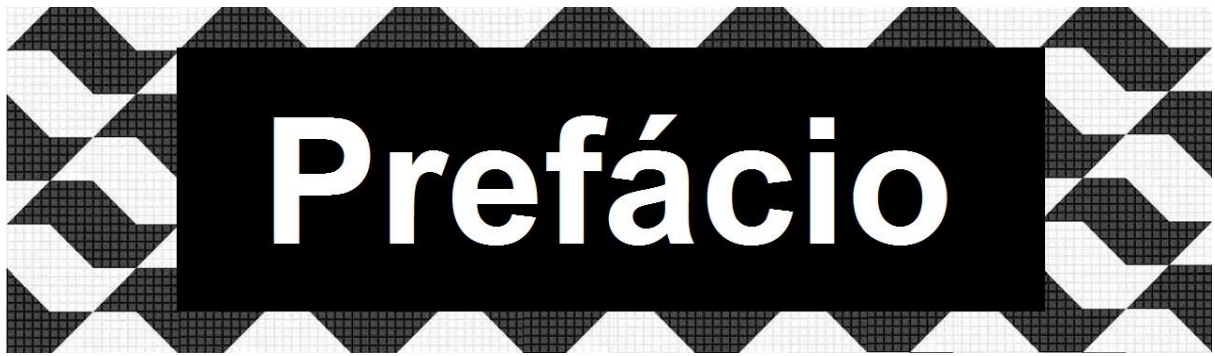
40 Luiz Carlos Ribeiro (Rodela)

46 Grupo Folklórico Kantuta Bolívia

53 Willian Lee

59 Posfácio

62 Bibliografia



Prefácio

Uma das coisas mais encantadoras no ofício de ser jornalista é a oportunidade de entrar na vida de tantas pessoas tendo uma boa desculpa para ali estar. Reconstruir as experiências e vivências por meio das histórias compartilhadas é transformar indivíduos em protagonistas de sua própria essência. Os diferentes ângulos e diversos olhares sobre o mesmo tema podem ser reveladores, mostrando, muitas vezes, o que estava esquecido entre a mente e o coração de gente que nunca imaginou ser página de um livro.

A função jornalística de encontrar os parâmetros certos para tal ação, bem como captar a releitura desse rico material humano, é de fundamental importância. Falar de pessoas que dedicam suas vidas ao amor à arte e evidenciar projetos que a própria sociedade protagoniza é também uma forma de estabelecer uma resistência cultural.

Nesse contexto, a tarefa de desvendar os caminhos de São Paulo, uma megalópole cheia de personagens e causos, foi um prazeroso desafio. Não se pode escrever nada com indiferença, já dizia a filósofa francesa Simone de Beauvoir, em seu livro *Os Mandarins*, com que, certamente, tenho que concordar. Neste livro, está a minha visão não apenas como profissional das palavras, mas também como espectadora, consumidora direta do conteúdo artístico ofertado pelas calçadas da cidade.

Antes de adentrar em suas biografias, na maioria dos casos, preferi acompanhar de maneira anônima o trabalho de cada um para depois iniciar um contato, com o intuito de captar o sentido de cada obra. Foi impossível não estabelecer uma empatia com cada um dos entrevistados e compreender os motivos que os levaram a certas escolhas.

Na minha vida, a arte de rua sempre foi uma caixinha de emergência com o martelo ao lado. Antes de dedicar meu tempo às palavras, profissionalizei-me nas artes cênicas. Por esse motivo, sempre possuí um enorme respeito com o conteúdo produzido na calçada, por saber que ela nada mais é do que a verdadeira escola de um artista. O local público é diálogo, não monólogo. É uma tribuna aberta pronta para te levar do céu ao inferno pela seleção natural de cada moeda que cai, ou não, no chapéu. Os profissionais que trabalham com arte são como diamantes bem talhados, que a cada batida se realça, ainda mais, o brilho dos reflexos.

Ela sempre esteve lá, e eu sempre soube que, se precisasse de um palco na busca pelo público, ela iria me acolher de braços abertos. Por isso, tenho para mim que a arte de rua é a poesia em ação por conseguir, em meio a agitação da cidade, atingir o que há de mais singular em cada pessoa, seu âmago.

Passar para frente a memória contida na lembrança por uma parcela importante da população é colocar em evidência partes esquecidas de uma história viva e midiaticamente ignorada. Os artistas de rua não são invisíveis! Estreitar, humanizar e democratizar as relações entre o artista, criador de imaginários, e público, receptor de inspirações, é partilhar da criativa cultura popular produzida por cada um de nós.

Boa leitura!

Introdução

Quando os padres jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega subiram, em 1554, a Serra do Mar em busca de um lugar estratégico para o processo de catequização dos índios, não imaginavam que aquele local calmo e pacato ao longo do rio Tietê, chamado pelos indígenas de Piratininga, se transformaria na maior cidade da América Latina, São Paulo.

O pequeno vilarejo construído de taipa de pilão, que antes não abrigava mais de cem pessoas ao redor do colégio erguido pelos religiosos, hoje possui 1.521 km², sendo habitado por mais de 11,2 milhões de pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A transição de um simples povoado para uma megalópole levou séculos. Se outrora seus moradores, compostos por índios, perderam terras e foram forçados a abandonar sua cultura, na época atual, o homem “civilizado” possui sua própria identidade cultural, que foi moldada ao longo de todos esses anos.

Sob a influência dos povos habitantes e das dezenas de nacionalidades que, após o processo de migração, estabeleceram comunidades na capital paulista, como a italiana, oriental, boliviana e árabe, a cidade se tornou um dos maiores polos culturais do país.

Ao todo, são 101 museus, 164 teatros, 39 centros culturais, 282 salas de cinema, que fazem dela dona de uma grande diversidade de expressões artísticas, entre elas a arte produzida fora dos espaços convencionais.

Nascida na antiguidade, a arte de rua é imune ao tempo por permanecer encantando plateias em um diálogo atual com o mundo contemporâneo. Como um dos mais expressivos movimentos da cidade, ela consegue combinar, em seus elementos, a forma direta, alternativa e

instantânea de contato com o público. Assim como a constante transformação climática de São Paulo, que pode amanhecer com um céu ensolarado e sem nuvens e anoitecer com um temporal de granizo, é a vida cultural nas calçadas da metrópole.

Democrática, sem distinção de classe, cor ou gênero, ela expõe para todos, transformando o artista em um mediador que, contrário aos métodos de reprodução da indústria cultural, apresenta, frente ao público, sua efêmera produção artística.

Como figuras da esfera pública, os profissionais da arte exercem, além de seus trabalhos, a função política, não apenas por interferirem diretamente nas questões ideológicas, mas também por construírem uma relação de resistência na luta pela ocupação do espaço urbano.

No ponto de vista da hegemonia cultural¹, a influência dos pensamentos das classes dominantes acaba doutrinando a população com uma falsa consciência. Podemos, assim, perceber a importância da formação de público por meio do diálogo, e não do monólogo, no intuito de transformar o espectador em um agente crítico no campo de batalhas das disputas de ideias.

Se essa rua fosse minha...

Cidade abandonada, pessoas confinadas. Praças vazias, espaços sem vida. Pensar a rua como um prolongamento de nossas casas, para alguns, é utopia por ser apenas vista como uma mera via de tráfego. A ação democrática que a cultura popular urbana exerce é a de guerrilha na construção da consciência de pertencimento, propondo, instintivamente, uma reflexão quanto ao ato de conviver, findando com a segregação do isolamento. Na prática, o direito à cidade.

Com o auxílio do Estado, a reconquista do espaço público pela população ao ocupar praças, logradouros ou parques, resulta, muitas vezes, na preservação do patrimônio local. Quando milhões de habitantes conseguem conviver no mesmo lugar de maneira harmônica, com equilíbrio e respeito, a ideia de degradar acaba, por fim, repudiada.

¹ Conceito formulado pelo filósofo italiano Antonio Gramsci. A noção de hegemonia indica a dominação consentida de uma classe sobre as outras por meio de uma liderança cultural-ideológica. Quanto mais difundido o pensamento dominante, mais sólida é a modificação da estrutura social.

Por um tempo, a cidade ficou carente de um grupo de governantes que tivessem, como empenho, a arte no intuito de enxergar a cultura artística como um dos pilares da sociedade ao lado da educação.

Guiada pela dinâmica mercadológica e do urbanismo privado, a tradição militar e neoliberal das últimas décadas do século passado acabou não priorizando os bens culturais públicos. A necessidade da população em ocupar e se relacionar com a cidade foi, aos poucos, sendo abafada. Templos de consumos como shoppings, boutiques e hipermercados, acabaram sendo utilizados como opções de lazer em contraponto a feiras, parques e praças, atividades gratuitas ou a preços acessíveis.

São Paulo, nascida do caldeamento dos povos que aqui chegaram, possui naturalmente uma aptidão para se reinventar. Fortalecendo a participação popular, com cidadania e luta, seus moradores têm, nos últimos anos, conseguido mudar o cenário, até então desatualizado, das políticas públicas.

Hoje tem palhaçada? Tem não senhor, o Kassab não deixou!

A arte de rua, em São Paulo, nunca teve uma situação definida com a garantia de um decreto ou uma lei a seu favor. Como concessão de uma graça, a cada nova gestão municipal, os artistas ficavam à disposição do arbítrio governamental em poder exercer, ou não, suas atividades sem intromissão.

Acontece que, no segundo semestre de 2010, um possível erro de interpretação entre a Prefeitura Municipal e a Polícia Militar de São Paulo acabou colocando em risco o trabalho de inúmeras pessoas e a liberdade de expressão artística na cidade.

Criada em 2009, durante a gestão de Gilberto Kassab (ex-DEM, atual PSD), a Operação Delegada é um convênio entre o Estado e os municípios com o objetivo de permitir, em dias de folga, a utilização de policiais militares, com fardas e equipamentos da corporação, no policiamento ostensivo e no apoio às prefeituras nas atividades de fiscalização.

Soldados, cabos, sargentos e subtenentes, ao invés de gozarem de seu descanso trabalhista, acabam se submetendo a uma espécie de bico oficial para aumentar a renda familiar.

A fim de coibir o comércio ilegal, foi proibida qualquer apresentação em locais públicos. A alegação era de que o ato de passar o chapéu poderia ser considerado uma prática de venda, mesmo a contribuição sendo facultativa.

A partir deste momento, uma perseguição contra artistas de rua começava na cidade de São Paulo. Passando por cima do inciso IX do artigo 5º da Constituição Federal Brasileira, o mais alto livro de direito da nação, que diz "é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença", as forças oficiais prenderam músicos e apreenderam equipamentos sob o discurso do uso indevido de solo urbano sem o pagamento de impostos.

Sendo também ignorada por tal ação a Carta Magna da Lei Orgânica paulistana que estabelece que o Município adotará as medidas necessárias para a preservação das manifestações e dos bens de valor histórico, artístico e cultural, e não o contrário.

As informações desencontradas entre Prefeitura, que negava a proibição e a Polícia Militar que chegou a lançar nota oficial afirmando que a atividade artística se enquadrava na comercialização do talento, criou uma movimentação de artistas e admiradores contra o urbanismo militar.

Silvia Leblon, atriz e palhaça, que iniciou sua carreira durante a ditadura militar e vivenciou momentos de censura, propôs uma saída artística a favor da liberdade de expressão. A manifestação ocorreu no vão livre do Museu de Arte de São Paulo (MASP), na Avenida Paulista, no dia 21 de dezembro de 2010, contando com a presença de mais de 400 pessoas.

Foi apenas a partir da mobilização popular de massa que a gestão Kassab resolveu perceber o erro cometido e a gravidade da situação. Após pressão popular, decidiu convocar uma reunião a fim de discutir com os representantes dos artistas de rua uma solução para o caso.

O principal nome no que diz respeito à articulação de políticas culturais para a categoria é o do ator, palhaço e circense, Celso Reeks. Fundador da Associação Artistas na Rua e hoje ad-

ministrador do site de mapeamento cultural Artista na Rua, ele é integrante da Companhia Cênica Nau de Ícaros, que exerce um trabalho circense nos palcos e asfaltos. Com seu trabalho, já esteve presente em festivais de arte na rua em países como Colômbia, Suíça, Itália, França e Bélgica.

Filho de Anivaldo Pereira Padilha, cientista social que foi preso, torturado e exilado durante a ditadura militar, o artista cresceu em um ambiente progressista. No auge das repressões em 2010, Celso acabou se envolvendo na comissão que pedia às autoridades uma solução concreta frente à censura. Ao lado de um grupo de artistas, fez parte da linha de frente na luta contra a repressão e as burocracias impostas pelos agentes públicos.

Durante meses, foram realizadas inúmeras reuniões para debaterem os limites entre a liberdade de expressão e a responsabilidade cidadã com base na Constituição Federal. Após diversas discussões, a comissão artística conseguiu vetar a elaboração de um cadastro obrigatório, a determinação de logradouros a fim de dividir as linguagens artísticas por regiões e a criação de um crivo para estabelecer a qualidade artística das atividades a serem executadas nas calçadas.

Em 19 de julho de 2011, foi assinado pelo prefeito da época, Gilberto Kassab, o decreto municipal nº 52.504, de 19 de julho de 2011, que garantia a liberdade de expressão artística nos espaços públicos da cidade. A autonomia pela realização do trabalho, a liberdade de escolha de seu local de apresentação e a seleção natural pelo próprio público que contribui, ou não, com o show foram mantidas.

Dentre as obrigações, o texto apresentava a necessidade de respeitar a livre circulação de pedestres e veículos, os limites métricos para montagem de estrutura e a utilização de equipamentos eletrônicos dentro dos programas contra ruídos.

A aprovação do decreto foi um avanço, porém trazia uma questão que ainda não poderia agradar a classe em sua totalidade. Não houve de maneira alguma a liberação quanto a proibição da comercialização de CDS e DVDS com o conteúdo de própria autoria dos artistas, o que fez cair consideravelmente a arrecadação dos recursos financeiros.

Pássaro na gaiola não canta, lamuria...

No sistema jurídico brasileiro, em sua rígida hierarquia normativa, o decreto municipal conquistado pela categoria era frágil e poderia ser derrubado a qualquer momento pelo próprio prefeito em exercício ou pelo próximo. Sabendo disso, a comissão artística iniciou uma articulação em busca de parlamentares que pudessem auxiliar na construção de uma Lei Municipal.

De autoria dos vereadores Ítalo Cardoso (PT), Alfredinho (PT), Jamil Murad (PCdoB), Floriano Pesaro (PSDB), Netinho de Paula (ex-PCdoB, atual PDT), Orlando Silva (PCdoB) e o presidente da Casa, José Police Neto (PSDB), foi apresentado em outubro do mesmo ano, o Projeto de Lei nº 489/2011, que dispunha sobre a apresentação de artistas de rua nos logradouros públicos do Município de São Paulo.

Com o objetivo de discutir maneiras de estimular as manifestações artísticas populares comuns nas calçadas da capital paulista, em novembro de 2011, foi realizado, na Câmara Municipal, um seminário sobre arte na rua, reunindo artistas, grupos e especialistas no assunto.

Em paralelo, a São Paulo Turismo - Empresa de Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo – iniciou, por meio do Instituto de Pesquisa, Estudos e Capacitação em Turismo (IPET) um trabalho de pesquisa, entre novembro e dezembro de 2011, intitulado “Levantamento de artistas de rua e pesquisa de perfil desses artistas nas regiões da Paulista, Centro e Rua Teodoro Sampaio/Praça Benedito Calixto”.

A iniciativa veio como um reconhecimento da arte de rua sendo parte importante do patrimônio cultural e turístico da cidade, suprimindo uma lacuna existente até então na identificação dos reais protagonistas das calçadas paulistanas. O estudo conseguiu conhecer os artistas em cada região, obtendo informações acerca de seu perfil, linguagem artística, locais e horários de apresentações.

Após o levantamento, foi possível criar um banco de dados completo, sendo utilizado apenas como mapeamento. Como resultado, em setembro de 2012, entrava no ar a página www.artistasnarua.com.br, administrado por Celso Reeks com o auxílio da São Paulo Turismo.

No site, é possível encontrar os shows pelo cruzamento das informações fornecidas pelos artistas, personagens e grupos cadastrados. Como uma plataforma aberta, em tempo real, qualquer profissional das artes que exerce suas funções nas ruas pode realizar o cadastro gratuitamente, descrevendo as características de seu trabalho, trajetória, meios de contatos, horários e locais de apresentações. Ao todo, são mais de 500 projetos registrados no catálogo.

Após mais de um ano de tramitação dentro da Câmara Municipal de São Paulo, foi promulgada a Lei nº 15.776, no dia 29 de maio de 2013, já na gestão do atual prefeito da cidade, Fernando Haddad (PT). No documento, o texto manteve as vitórias trazidas no decreto e conseguiu ir além com a liberação da venda de produtos artísticos: "Art. 3º - Durante a atividade ou evento, fica permitida a comercialização de bens culturais duráveis como CDs, DVDs, livros, quadros e peças artesanais, desde que sejam de autoria do artista ou grupo de artistas de rua em apresentação e sejam observadas as normas que regem a matéria".

Rua: espaço para contracultura

Com a liberação total do exercício das atividades artísticas na cidade, o número de profissionais de rua aumentou. A presença massiva de artistas nas regiões centrais, como a Rua 25 de Março, acabaram incomodando os comerciantes que, por sua vez, pressionaram a Prefeitura Municipal. Em suas reivindicações, alegavam a presença de estátuas vivas com estruturas maiores que as permitidas, poluição sonora devido ao alto número de cantores na mesma quadra, além da ocupação de grande parte da calçada por imigrantes de países vizinhos que vêm para São Paulo vender suas artes.

Em 20 de março de 2014, o prefeito Fernando Haddad assinou o Decreto nº 54.948, regulamentando a Lei nº 15.776. Na tentativa de harmonizar o espaço entre artistas e comerciantes, o vigente texto apresentava uma série de restrições, o que não agradou a classe artística. Pelas novas normas, seria necessária a solicitação obrigatória de uma autorização provisória para trabalhar junto à Subprefeitura da localidade de atuação, tendo que ser entregue uma proposta de trabalho cultural, com todas as informações do show como horários, locais e equipamentos utilizados.

Além disso, não seria mais possível atuar a menos de cinco metros de pontos de ônibus e táxis, orelhões e saídas de metrô, nem a menos de 20 metros de escolas e feiras de artesanato ou a uma distância inferior a 50 metros de hospitais e guias rebaixadas, entre outras proibições.

A categoria recebeu o documento publicado no Diário Oficial como uma bomba e, logo na semana seguinte, promoveu um protesto em frente ao Edifício Matarazzo, sede da Prefeitura no centro de São Paulo, em repúdio às limitações da nova regulamentação. Pressionado pela categoria, o prefeito Haddad decidiu revogar o novo decreto e iniciar um novo texto, em parceria com os próprios artistas.

As regras de utilização dos logradouros públicos presentes no antigo documento permaneceram no Decreto Municipal nº 55.140, de 23 de maio de 2014, como forma de organizar a ocupação das calçadas. A questão do cadastro se tornou facultativo, não sendo condicionante para a realização de apresentações. Após tumultos entre artistas e comerciantes na realização de suas atividades, foi designada a criação de uma comissão de conciliação em cada Subprefeitura a fim de escutar os envolvidos e buscar uma solução mediada. Outro avanço foi a inclusão de um capítulo específico no que diz respeito às atividades dos artesãos de rua.

Após a tentativa de alcançar um denominador comum entre órgão público, comerciantes e artistas, a Secretaria Municipal de Cultura lançou, em parceria com o Movimento Artistas de Rua (MAR), no dia 29 de março de 2015, a cartilha “Arte na Rua – um guia ilustrado sobre a legislação da cidade de São Paulo para artistas de rua”, no Parque Mário Covas, na Avenida Paulista.

O material traz de forma didática e ilustrada a origem e tradição da arte de rua na cidade, os direitos e deveres dos artistas, as boas práticas quanto ao uso de aparelhos sonoros e do espaço público, além da Fac-Símile da Constituição Federal, Lei Municipal nº 15.776 e sua regulamentação.

Fica nítido que apenas com a abertura total de diálogo entre poder público e população será possível construir uma São Paulo mais humana, justa e igualitária. Cidade que fascina, desafia e intriga, a Pauliceia desvairada consegue ser, com tantas contradições, a musa inspiradora de

muitos artistas que, mesmo com tantas afrontas, não se cansam de vestir a fantasia para adornar diariamente sua atmosfera opaca, cinza e nebulosa.





Eduardo Evans

Esta poderia ser uma história de superação, mas não é. E não ser é que faz dela uma teia singular. Distante e ao mesmo tempo tão perto do verbo acostumar.

Dividindo espaço com pombos, vendedores ambulantes, voluntários do Greenpeace e idosos japoneses com suas sacolinhas de mercado, está o músico Eduardo Evans, homem simples e bem-humorado, morador do Jardim São Luís, zona sul da capital paulista.

Seu ponto de trabalho é a Praça da Liberdade. Conhecida atualmente como atração turística por abrigar ruas enfeitadas com motivos orientais, ela esconde seu passado de torturas. Primeiro foi chamada de Largo do Pelourinho, local onde os escravos fugitivos recebiam suas chibatadas. Depois, virou Largo da Forca, por ser o espaço de execução dos julgados pela justiça. Após a abolição da pena de morte, ganhou o presente nome.

Por lá, todos o conhecem. Tanto que, para os funcionários do sexto andar do número 113 da avenida com o mesmo nome, ele é companhia constante embalando reuniões ao som do rei, Roberto Carlos. Seu repertório, só com músicas nacionais, pode ser definido como versátil. O artista brinda os passantes, gostem ou não, com canções que vão desde Raulzito, passando pelo pagode dos anos 90, até chegar nas toadas do sertanejo e gospel.

Sem dominar a arte de cantar em outros idiomas, decidiu abolir qualquer embromação por acreditar ser importante sentir a música e não entoar algo sem nem saber o que está dizendo. Por esse motivo, escuta todos os dias a piadinha de um senhor baixinho de cabelos brancos e olhos puxados:

- Só lhe darei dinheiro no dia em que você aparecer cantando em japonês...

Sua frequência na praça depende do quanto está de grana. Às vezes, vai de segunda à sexta-feira. Tem semanas que só trabalha dois dias. Se conseguir fazer um bom trocado, nem volta mais para trabalhar. Outras, passam tão fracas que ele nem chega a ver a cor do dinheiro.

Todos os equipamentos já ficam dentro do carro esperando para saber se irão trabalhar ou não. Eduardo acorda bem cedinho e olha na internet a temperatura. Se for chover, ele nem sai de casa. Mas, se existisse uma película portátil de plástico que o cobrisse inteiro e os equipamentos, iria mesmo assim.

São nesses dias de ócio no lar, entre uma cerveja e outra, que ele aproveita para gravar alguns vídeos e compartilhar na internet. Da sala ao banheiro, passando pela lavanderia, todos os cômodos são cenários para suas canções. De fundo, a esposa arrumando o guarda-roupa e a voz com risadinhas do filho complementam a ação. Nos vídeos, que na maioria não passam de 200 visualizações, ele mantém a pose como se estivesse fazendo show para uma imensa plateia.

Canta o que quer. É ele quem escolhe o repertório, mesmo sabendo que quem realmente manda é o fluxo que cai dentro da caixinha no chão da Liberdade.

Acostumado a rodar Brasil afora, Evans vem da décima geração de circo. Como Lampião que, ao cruzar uma cidade com o bando, conheceu Maria Bonita e a levou consigo, seu pai passou com a trupe e arrastou o coração de sua mãe. Antes de ter o asfalto como palco e o céu como teto do seu ambiente de trabalho, era artista junto com toda família dentro de um picadeiro.

Conheceu-se por gente no circo e cresceu em meio ao colorido da lona. Mais velho de quatro filhos homens, sempre esteve ao lado do pai, inclusive nos negócios. Era com ele que contava o dinheiro dos ingressos ao final de cada apresentação.

Dentre seus talentos, o que mais lhe agradava era o de ser trapezista. Ao lado dos irmãos, tinha uma bandinha que tocava durante todo o espetáculo, embalando o sonho de cada uma das crianças que ali adentravam. Pelos fundões do Brasil, o circo passava levando a magia para

quem não tinha muito com o que se encantar. Eram recebidos como reis a cada parada, e os sorrisos multiplicados funcionavam como combustível para ajudar a não parar.

Certa noite, após uma apresentação, três homens se aproximaram da bilheteria, um deles estava armado. Sacou o revólver e sem nem o menos dar tempo para o último respiro, acertou em cheio o peito do palhaço mais divertido de todo o circo. No número mais sem graça que alguém pode assistir, Eduardo viu perder a vida quem lhe deu a sua.

Sem tempo para lamúrias, só conseguiu obedecer às ordens que o mandavam abrir o cofre. Capturado pelos olhos do bandido que avistou uma arma junto ao dinheiro, recebeu um dos três tiros apertados no gatilho. Teve sorte que os outros dois falharam.

Desde então, Eduardo Evans faz parte dos 24,5 milhões de brasileiros portadores de deficiência. Se não fosse recriar o seu universo, poderia ser apenas mais uma pessoa que deixou sua vida partir sem levá-lo, preso em uma cadeira de rodas. Encarar a realidade foi preciso e, desta vez, sem ter o circo para fugir.

Devagar, como uma fera ferida que aos poucos vai retomando a confiança em si, foi reconquistando a vontade de viver. No espelho, a imagem indesejada foi dando lugar a dádiva da certeza de ter nascido duas vezes.

Tradição, vocação ou destino? Pouco importa. No sangue dele, corria o amor pela arte e, disso, ele não abriria mão. Ao lado dos irmãos e amigos, decidiu enfrentar o mal que o assombrara durante um bom tempo. Encheram dois carros de instrumentos e foram fazer música. Nascia, aí, a banda Contato Imediato.

Lembra até hoje do primeiro dia, tocando na maior expectativa para cair uma notinha de um real. Avenida Paulista, Vale do Anhangabaú, Viaduto do Chá, Rua 15 de Novembro, Praça da Sé, Largo do Café, todo lugar era palco. O sucesso nas ruas abriu espaço para as composições próprias. Condolências dos Anjos, União das Três Estrelas e Momentos eram algumas das músicas que embalavam os passos apressados dos office-boys pelo centro da cidade.

Acontece que enfrentar sol e chuva, deboches e aplausos, vitória e fracasso não é para qual-

quer um. Acostumados a brincar trocando o nome da banda por “Os Passa Fome Mas Não Se Entrega”, pouco a pouco seus companheiros foram cedendo. Eduardo, quando percebeu, estava sozinho.

Como um pássaro, a sensação de voar ao cantar nunca se afastou dele, talvez tenha sido esse o motivo que lhe fez continuar. Seu parceiro de som virou o violão equilibrado nas pernas com o apoio da cadeira de rodas. Aos poucos ele foi sendo aposentado. Hoje em dia, aprendeu a procurar em sites na internet alguns playbacks, canções tocadas no instrumental, onde coloca apenas a voz. Pluga o aparelho de som em seu celular e pronto, o show já pode começar.

Evans gosta tanto de tecnologia que não é raro passar por suas apresentações e vê-lo cantando enquanto digita no telefone ou navega pelas redes sociais. Mas abandonar o violão foi uma decisão dada também pelo fato de ser uma coisa a menos para ter que carregar. Na rua, depender da ajuda de terceiros não é algo em que seja confiável.

Certa vez, no caminho de 50 quilômetros que separa o centro da cidade até sua residência, caiu de o pneu estourar. Em meio a uma situação complicada e com o carro sem a cobertura de um seguro, não pensou duas vezes em aceitar a ajuda de um desconhecido para trocar o estepe. Chegando em casa percebeu que o gerador, uma das suas ferramentas mais importantes de trabalho, havia sido roubada do seu porta-malas pela alma não tão solidária.

Chateado com a situação e o dinheiro curto, repôs com um modelo inferior só para não deixar de ir trabalhar. O mundo dá voltas e não deu outra, foi surpreendido com uma pessoa da plateia que estava com dois geradores, de melhor qualidade, parados em casa e o perguntou se queria.

No momento presente, a vida está melhor. O Chevette 79 bebe, companheiro desde o início, deu lugar na garagem para um Honda Civic. A perseguição rotineira dos fiscais da prefeitura, que chegaram a levar três vezes seus equipamentos, também deu uma trégua. Atualmente, com a lei, isso não acontece mais, porém, segundo ele, a concorrência está muito forte. Com um trabalhador em cada esquina e com poucas pessoas valorizando a arte, quem colaborou com um artista dificilmente irá colaborar com o outro no mesmo dia. Mas não pode reclamar.

Acostumado com a presença e o som de moedas, balas e notas de tartarugas, garças e araras batendo no fundo da sua caixinha, no dia que caiu uma garoupa azul, quase ficou de pé.

Do circo, restou-lhe a habilidade de arremessar facas e também a de agir com o coração. Sua sentença na terra marcada para sempre depois do fatídico dia quase o fez perder também o amor de sua vida. A família da amada não aceitava o relacionamento com um “aleijado”. Foi preciso coragem para bater de frente e construir sua história ao lado dela. A união gerou Brian como fruto e mais uma pequena ou pequeno que está a caminho.

Seu maior sonho?

- Andar, né. Com toda a certeza, é o maior. Poderia falar “ah, é ganhar na Mega Sena”, tudo bem, eu também quero, mas se eu pudesse andar... Eu sonho com isso direto e, aí, quando eu acordo, me dá a maior raiva.

O papo termina, pois vida de artista de rua é assim, a conversa não pode ser muito longa se não o dinheiro não entra. Ele tenta uma, duas, três vezes dar a partida no gerador, mas sem sucesso. Um passante percebe o esforço e vai ajudar. Teste, som, a, e. Teste, som, a, e. O dedilhar do violão já é um convite para a aproximação de meia dúzia de pares de olhos. De longe, em meio ao barulho da cidade, é possível escutar um trecho da canção que diz:

- ... eu aceitaria a vida como ela é ...





Quem vê este homem, de pé em um baú, frente ao Mosteiro de São Bento, no centro antigo de São Paulo-SP, disputando a atenção dos passantes com camelôs, não imagina a trajetória que estes olhos, estáticos, viveram por si só.

Passou dos 18 aos 36 anos dentro de uma sala de aula, lecionando aquilo que de melhor tem para oferecer ao mundo: a sua música.

Acontece que pessoas não são árvores e nem precisam criar raízes em um mesmo trabalho para o resto da vida. Vislumbrando um futuro melhor, decidiu arriscar em um novo projeto oferecido pelo amigo. Mergulhou de cabeça, vestiu a camisa e fracassou. O gosto amargo da derrota o levou ao desespero. Quando percebeu, estava sem alunos, sem emprego, sem saída.

Pai de dois filhos, Lucio Freitas encontrou nas ruas um caminho para trabalhar dignamente. Mas não como artista. Dono de uma voz forte e um porte alto, a solução encontrada foi trabalhar como divulgador de loja na rua de comércio popular mais famosa de São Paulo, a 25 de março, gritando as ofertas em meio a um mundo de gente apressada com suas sacolas cheias de mercadorias.

Para muitos, pode parecer que a vida é feita de acasos, mas, na verdade, ela é feita de escolhas e aquela, definitivamente, não era a que ele havia optado. A insatisfação virou vizinha. Mesmo fugindo, ela o seguia.

Um dia, ousou espiar por uma fresta e imaginar que poderia, sim, insistir em escolher a arte

como ofício. Por ela, almejava despertar todas as manhãs em busca de um sorriso para transformar em pão. Depois de observar por tanto tempo o trabalho de outros artistas na rua, sentia que poderia fazer algo diferente. Ao transformar o asfalto em palco, virou um camelô das artes.

Com uma túnica preta, maquiagem prata no rosto e guitarra vermelha nas mãos, nascia, nesse momento, seu companheiro diário de labuta, o personagem Deus do Rock.

O início foi muito difícil. A adaptação ao trabalho, a aceitação dos outros artistas e os precários equipamentos que utilizava pareciam moinhos destruidores de sonhos. Fora o preconceito de alguns passantes e dos próprios comerciantes da região, que, muitas vezes, pensam que cultura urbana é sinônimo de barulho e bagunça. Percebeu ali que a rua não era para qualquer coração medroso. Seria preciso paciência e, o mais importante, persistência.

Foi preciso se adequar, perceber de forma minuciosa o que mais agradaria o seu público. Como um perfumista que elabora, com o senso apurado, as melhores fragrâncias para diferentes olfatos, ele testou diversas fórmulas até chegar ao trabalho que hoje oferece. Descobriu que as pessoas gostavam mais de artes musicais do que estátua-viva, que, mesmo ele sendo compositor, o retorno financeiro ao cantar não era o mesmo e constatou que não adiantaria ficar com a guitarra em prontidão esperando a contribuição para começar a tocar, seria preciso chamar a atenção.

Desenvolveu um estilo visual próprio prateado, com jaqueta, luvas e calça colada, arrebatadas com botas e chapéu estilo cowboys americanos. Tudo isso usando o cabelo longo enrolado solto na face, pintada fortemente por uma coloração metálica.

A inspiração musical vem de longe. Lá da geração do rock'n roll e heavy metal dos anos 60 e 70, mesclando clássicos com Black Sabbath, Deep Purple e Led Zepellin.

Na capital paulista, as ruas ainda são um espaço majoritariamente masculino. 88% dos artistas que atuam por aqui são homens que possuem, em sua grande maioria, apenas o ensino fundamental e médio. O aspecto financeiro, seguido pelo sentimento de felicidade ao exercer o ofício são as principais motivações pelas quais os artistas se apresentam nas ruas.

A liberdade de criação em relação ao próprio trabalho, sem ter que dar satisfação a ninguém, foi o que, de início, mais o agradou. A experiência de não ter patrão, podendo trabalhar o quanto quer e se quer também.

Mas nem sempre foi assim. A cultura nas mãos das autoridades policiais pode ser mais perigosa que uma arma. A abordagem, muitas vezes, ofensiva e truculenta da Polícia Militar do Estado de São Paulo acabou criminalizando a liberdade artística. Em diversos momentos, Lúcio foi ameaçado de ter seu equipamento de som apreendido caso não parasse de tocar. Apenas com a legislação, o tempo e as devidas instruções é que foram ficando mais pacíficas as apresentações nas áreas públicas da cidade.

Desde então, ocupa a parte da frente do mosteiro, no Largo São Bento, construído em 1922. Compartilha o palco das ruas com outros tantos personagens. Moradores das calçadas que, de tão em casa, acompanham-no em um diálogo sem falas, participações sem aplausos. Do seu lado, muitas vezes, está Wilson Batista Rezende, mais conhecido como o homem que diz ter contraído uma doença após beber Coca-Cola com restos de rato. Dividem apenas o espaço e, não necessariamente, o mesmo público.

Seu expediente é de segunda à sábado. Como a energia que utiliza para a caixa de som é uma bateria de carro que pesa 25 quilos, acaba tendo que pagar um depósito para deixar suas coisas, em um estabelecimento comercial perto do seu ponto. Por volta das 9h30, ele chega ao local para começar a transformação. Prepara a maquiagem, arruma o baú e veste o figurino.

10h30, começa o seu trabalho. É ali que ele passará as próximas horas. Por questão de disciplina, ele se obriga a ficar no mínimo quatro horas, mesmo se o movimento estiver ruim. Ao contrário, costuma permanecer por oito horas direto, sem parar para almoçar, comendo algumas coisinhas para enganar o estômago. A falta de alimentação já não é mais um incômodo. Chateação maior são as altas temperaturas.

Como só tem um traje, às vezes, é preciso botar para tomar um ar no quintal de casa pois, se tomar um banho de água estraga. A transpiração é tanta que usa uma outra roupa por baixo da roupa no intuito de evitar o pior. Como solução, conseguiu instalar um guarda-sol grande e

branco, que só consegue ser montado nas grades em art nouveau do Viaduto Santa Ifigênia, elevado que liga o Largo São Bento com a rua do mesmo nome.

Quando indagado sobre o quanto ganha, parece até que leva um choque. O seu ordenado ele não fala para ninguém, aprendeu a silenciar e só dizer que sim, dá para viver só disso, tanto que, para ele, é melhor trabalhar na rua do que em um escritório trancado. Voltar a ser professor de música? Não mais. A experiência confirma que o aluno entra hoje na sala e, em dois meses, já quer sair. Não tem mais perseverança para aprender.

É a mesma coisa que dar um gibi para um analfabeto, compara. Ele ainda não aprendeu a ler. Na música, é preciso aprender a ouvi-la, e muitos não têm paciência para isso, sem contar a falta de bons ídolos para servir de exemplo.

O suor que escorre de seu rosto, misturado com a tinta de cor prata realçando seus traços, é o único movimento que se vê a olho nu. Lento e contínuo fazem parte da cena. Confuso, diz que antes pensava que nunca deixaria a rua. Hoje, após três anos no asfalto, já não pensa mais assim. O sol vai se escondendo dando passagem para o caminho de volta que leva até o Sacomã.





Káfrika FolkPop

Sexta-feira, final da manhã perto da hora do almoço. O tempo está nublado e faz muito calor. Um táxi estaciona em local proibido bem no Viaduto do Chá, rapidamente os passageiros saltam carregando malas pretas, bancos de plástico, tambor e um amontoado de madeiras que mais parece uma maca.

Começa, então, uma correria pelo centro da cidade até encontrar um ponto ideal. Na frente da Prefeitura de São Paulo, não rola; a praça do Patriarca já está ocupada por um pastor e a legião de fiéis; a rua Direita, como sempre, com seus ambulantes atentos ao grito de “olha o rapa!”. Só resta ela, a que, em anos dourados, era considerada uma das mais belas ruas da cidade: a 15 de novembro.

Só a corrida até lá já valeu como aquecimento. Em meio a edifícios centenários, arrumam a cena, espalham os CDs no chão e começam o show. O som doce e suave da marimba vai abrindo caminhos como se fosse colorindo, pouco a pouco, as paredes cinzas do centro da cidade.

O instrumento confeccionado pelo líder do grupo, Kizu Massay é composto por duas réguas de madeira que são unidas simetricamente por 20 ripas de diversos tamanhos, graduadas em escala. Nas extremidades, dois bancos de plástico servem de apoio para sustentar a estrutura no ar. As baquetas revestidas com feltro preto são tocadas apenas pelas mãos de seu criador, o único preparado espiritualmente para emitir o som.

Criado em 2011, na cidade de Bogotá, na Colômbia, o grupo Káfrika FolkPop vem desenvolvendo ao longo dos anos uma pesquisa a fim de resgatar as raízes culturais das tradições afri-

canas. O objetivo deles é tornar viva a história de seus ancestrais, promovendo, assim, uma união entre os afro-latinos.

O projeto começou por uma iniciativa pessoal do diretor do grupo, o professor de música Edwin Herney Perez Quiñonez, mais conhecido como "Rei da Marimba Kizu Massay". Da mesma forma que alguns homens de maneira devocional optam por se tornarem monges ou padres, ele, sem hesitar, atendeu ao chamado da sua vocação.

Por amor, passou sete anos percorrendo alguns países do continente africano, Angola, Guiné, Guiné-Bissau, Congo, Nigéria e Senegal com o propósito de estabelecer uma aproximação com o conceito de arte afro, historicamente ligada às práticas religiosas de matrizes africanas.

Desconstruiu a história contada pela tradição dominante e pelo domínio religioso do catolicismo e aprendeu a conhecer a ética e os valores de seus antepassados, afirmando com orgulho a afrodescendência.

Quando voltou para sua terra natal, criou o grupo no intuito de retransmitir os ensinamentos e habilidades desenvolvidas. Além de celebrar o continente em seu nome, o Káfrika FolkPop homenageia também Kalunga, a entidade espiritual cultuada por lá.

Na periferia de Bogotá, Kizu conseguiu reunir no início cinco músicos. Aos poucos, mais jovens foram surgindo, e a formação aumentou para 52 integrantes homens e mulheres, todos eles interessados em participar desse resgate de herança por meio da música e da dança. Vindos de diversos cantos do país, alguns chegaram até a capital fugidos do recrutamento de grupos armados e no Káfrika encontraram uma nova oportunidade.

Sem um espaço físico para os ensaios, os mesmos eram realizados na rua. Aos poucos, os ritmos patacore, zouk, ilesa e afose, cucurucho, samba, andarele, mapale, bunde foram fazendo parte do repertório do grupo.

Kizu é tímido e fala pouco e, quando fala, praticamente sussurra as palavras. Para ele, a música é a linguagem da humanidade. Solta mesmo a voz ao cantar as mais de mil canções que

constituem seu acervo, com letras que falam sobre a magia da natureza, o culto a seus antepassados e a suas tradições.

A vontade de mudar o jeito com que as pessoas olham o mundo veio de berço. Ele é filho de Daira Elsa Quiñones Preciado, uma líder comunitária que enfrentou a violência do conflito armado, na zona rural de Tumaco, por não concordar com o deslocamento e com a expropriação de terras dos habitantes da região por grupos armados ligados ao cultivo de coca e palma. Vendo seus pais vivendo nas margens da rodovia, resolveu ir à luta.

Reuniu um grupo de pessoas e formou o Conselho da Comunidade de La Nupa, o que começou a incomodar os "empresários" locais. Viu acontecer um massacre, que custou a vida de cinco companheiros da organização. Mais tarde, seria sua mãe e irmã mais velha. Ameaçada de morte, teve que fugir do país. Só conseguiu retornar anos depois a fim de continuar com seu propósito. Fundou a Associação Mutual para o Desenvolvimento Integral Afrocolombiana e Empreendedorismo (AMDAE) com o objetivo de atender outras mulheres que, assim como ela, tiveram suas vidas transformadas pela guerrilha. A iniciativa de ajudar o próximo rendeu frutos. Daira foi vencedora do Prêmio Iniciativa Cívica de 2013, em Bogotá.

Assim como sua mãe, um dos fatores mais importantes para Kizu é elevar a auto estima desses jovens, que muitas vezes são hostilizados e inferiorizados dentro da sua própria comunidade por conta da cor da pele.

Ele se preocupa também em mudar a imagem que a concentração midiática apresenta diariamente com seus clichês sobre a África Negra citando apenas a miséria, a fome e o HIV. O mesmo acontece com a reputação da Colômbia, sempre lembrada por sua história com o narcotráfico e guerrilha.

Foi assim que, ao almejar atingir o maior número de pessoas e ampliar o processo de pesquisa, surgiu a ideia de fazer uma turnê por alguns países da América do Sul. Com a mochila nas costas cheias de instrumentos e figurinos, onze integrantes saíram na jornada de desbravar os países vizinhos. Passaram por algumas cidades do Equador, Peru e, após 12 mil quilômetros de ônibus, entraram no Brasil pela terra de Chico Mendes, o Acre.

Por aqui, rodaram em busca de conhecer a capoeira, o samba e o candomblé. De praça em praça, foram passando o chapéu e conseguindo a alimentação, hospedagem e passagem para a aventura. Em alguns lugares, encontraram portas fechadas. Em outros, sorrisos abertos como o do Grupo Experimental de Teatro de Rua e de Floresta Vivarte, de Rio Branco, que abriu seu espaço cultural para recebê-los.

Como pássaros longe do ninho, puderam desfrutar da liberdade e da vida em bando, da mesma forma que seus ancestrais tratavam seus companheiros de aldeia, como uma grande e única família.

Passaram por Rondônia, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro. Na cidade maravilhosa, decidiram montar acampamento. Com o dinheiro das apresentações nas ruas, algumas aulas de dança e percussão para entidades do movimento social e parceiras, foi possível permanecer por um bom tempo no Brasil.

Para alguns, a saudade de casa começou a apertar, e o caminho de volta se fez necessário. Foi então que Kizu e dois discípulos, os jovens artistas Omar Jimenez e Pipe Perea, resolveram tentar a sorte na terra da garoa. Em São Paulo, 18% dos artistas de rua são estrangeiros oriundos, em sua grande maioria, de países da América do Sul. 4% deles estão reunidos em grupos como no caso do Káfrika FolkPop.

Os movimentos da dança, quase que indomáveis, realçam os músculos negros de Omar, esculpido sem levantamento de pesos, conquistados apenas pela arte. Curiosos, olhos param atônitos, sem acreditar na vivacidade da apresentação.

- Parece que o santo desceu. Eu nunca vi isso!

Diz a moradora de rua, Rosângela, abraçada a seu marido, Rogério. Mesmo sem a mesma habilidade e o talento do dançarino, os dois bailam. O homem, equilibrando nas mãos o papelão e a garrafa pet de cachaça, tira do bolso algumas moedas e joga para os artistas.

Em outro momento a melodia estabelece um contato entre o mundo e um deficiente visual,

que seguia silenciosamente seu caminho. Todos os espaços são preenchidos pelo som, transformando o caos da cidade em um pedaço do Éden.

A chuva de verão começa a cair ligeira e sem avisar. A plateia corre dos pingos abandonando os artistas. O show termina com os três sozinhos, contando os trocados da caixinha improvisada de sapato, na marquise estreita de um edifício.



A Dupla da Paulista

Duas mentes e uma interrogação sobre o que fazer da vida. Diante de tantas possibilidades e nenhum caminho, Juliana e Patrícia resolveram viver em modo avião, com o funcionamento incompleto.

Juliana literalmente foi voar. Virou aeromoça. Casada com um piloto americano, resolveu aproveitar a facilidade de falar e aprender idiomas e ingressou nos estudos para atender dentro das aeronaves.

Já Patrícia, cansada de ver todas as amigas entrarem na faculdade, menos ela, viu na carreira de maquiadora a oportunidade de, enfim, arrumar um trabalho. Acontece que nada disso fazia o coração delas palpitem. Talvez por nunca terem imaginado exercer aquilo na vida ou quiçá pelo sistema ser uma máquina de sugar sonhos.

Se conheceram aos sete anos de idade no banheiro de uma igreja, comunidade evangélica localizada na zona norte da cidade. No início dos ensaios do grupo de teatro, pediram entre si um batom emprestado e perceberam algo em comum, a nuca raspada, obra de ambas as mães para baixar a paina. Se amizade nasce, ela havia acabado de ser parida.

Os anos se passaram. Chegou a adolescência, e a aptidão para a arte começou a dar lugar à vontade de aparecer. Cantar e tocar os louvores na igreja se tornou algo tão habitual que, empolgadas com a desinibição, foram tentar a carreira de modelo.

Nas passarelas, não fizeram tanto sucesso quanto na música. Autodidatas, aprenderam a tocar sozinhas na época em que ainda não existiam tutoriais de internet. Quem tinha vontade de de-

envolver a habilidade musical com o violão de maneira independente seguia as notas das revistinhas vendidas na banca de jornal.

Mesmo o pai de Juliana sendo músico, não houve por parte dele um incentivo, ao contrário. Da mesma forma, a família de Patrícia também não via futuro. Pensavam ser apenas um hobby passageiro, uma atividade juvenil.

Na juventude, abandonaram os compromissos religiosos. Como não tocavam mais na igreja, era preciso encontrar alguma maneira de liberar a energia acumulada. As inúmeras queixas e as conversas que mais pareciam o muro das lamentações foram transformadas na ideia: e se fôssemos tocar na rua?

O medo de arriscar, muitas vezes, limita o indivíduo. Quando percebe, está afundado atrás da burocracia de mesas e balcões, vivendo uma vida que não pediu.

Na caixinha interna dos sonhos que um dia serão realizados, Patrícia guardou a proposta por um tempo, até o momento em que comentou com o marido. Ele prontamente incentivou a iniciativa, apresentando a realidade dos artistas de rua na América do Norte e Europa.

Mesmo recém aprovada no exame da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) e Juliana prestes a se formar, pegaram seus instrumentos e foram chegando como quem não quer nada, sentando tímidas em um canteiro da Avenida Paulista.

Logo no primeiro dia, o sucesso da dupla foi tão grande e inesperado que de figurantes em meio aos pedestres se tornaram protagonistas. Outrora, famosa por ser o endereço dos barões do café, hoje além de ser cartão postal de São Paulo, é um dos locais em que mais se concentram os profissionais que exercem a arte de rua. É tão disputado que é bem comum acontecerem brigas entre artistas a fim de conseguirem um bom local para as apresentações.

Depois de muito batalhar por um espaço de destaque, conseguiram um ótimo ponto em frente ao Conjunto Nacional, um complexo que abriga livrarias, salas de cinema, lojas, restaurantes, escritórios e apartamentos residenciais. Lá, dividem a calçada com um grupo de senhores que

tocam música brasileira na parte da tarde. O show das meninas costuma ser no início da noite, com a ideia de atrair o público que sai do trabalho.

A linha estratégica da banda não para por aí. Houve um investimento pesado também na produção. O figurino anterior composto de blusinha e tênis allstar deu lugar a botas de cano alto, mini saias e cílios postiços, no intuito de chamar a atenção de qualquer jeito.

- Se a pessoa não parar pela voz, ela vai parar por conta do estilo, diz Juliana.

Com a pele branquinha e o cabelão ruivo liso com franja, Patrícia atrai olhares também pelas roupas no estilo rock. Mesmo magrinha, Juliana faz o tipo mulherão, com a pele morena e os cabelos ondulados que parecem ter recém saídos de um salão de beleza. A vaidade natural de ambas é completada com a cutis maquiada e as unhas devidamente pintadas.

A preocupação com as roupas para o show é tanta que deixaram de comprar em lojas de departamento, com medo de que alguém do público possa estar usando a mesma peça. Tanto vestuários quanto acessórios são garimpados nas horas vagas em brechós pela cidade.

O nome surgiu apenas para marcar espaço da página do grupo no Facebook. Postaram informações, fotos, vídeos e convidaram os amigos para curtirem. Quando perceberam que o servidor não deixaria trocar, já era tarde. Acabaram assumindo A Dupla da Paulista.

Na sociedade em que vivemos, é natural ver o cenário artístico repleto de belas mulheres exercendo livremente seus talentos. A dança, a música, o teatro, a pintura, o circo. Não há limites para uma moça disposta a expressar dons e sentimentos. Todavia, nem sempre foi assim. Cerca de um século atrás, escolher a arte como profissão era motivo de escândalo.

Em uma época em que submetidas aos pais, maridos e irmãos, mulheres permaneciam trancadas em casa, quem tivesse o atrevimento de viver de suas inspirações era taxada como prostituta. O preconceito e a hostilidade por parte da sociedade só diminuíram quando mulheres cansadas da situação protagonizaram lutas pela igualdade de gêneros, direitos civis e justiça social.

Naquele tempo, era preciso ter coragem e ousadia para enfrentar a batalha pela emancipação e a presença no palco. Foi a compositora e musicista Chiquinha Gonzaga, com sua personalidade inquieta, rebelde e decidida, quem ajudou a abrir alas na profissionalização feminina dentro da área artística. Trocou o marido pelo piano e foi ganhar a vida frente aos refletores.

Apesar de romperem com a tradição cultural imposta ao abalar as estruturas da sociedade patriarcal brasileira, atualmente apenas 12% dos artistas que se apresentam nas ruas são mulheres. Muito disso se deve ao medo. As meninas da “A Dupla da Paulista” relatam que se sentem incomodadas com o assédio dos homens. Nessas horas o peso da forte amizade fala mais alto. Apenas pela troca de olhares elas se entendem.


- Eu não viria sozinha, conta Patricia.

Já aconteceu de uma pessoa passar e fingir que estava colocando dinheiro, enquanto na verdade estava retirando as notas de dentro da mala. Desde então, sempre que possível, o irmão de Patrícia retira as cédulas de maior valor. É dele também o trabalho de buscar e levar as garotas para casa, na zona norte, além de ajudar a carregar os equipamentos mais pesados.

O cheirinho diário de esfiha da lanchonete em frente ao palco improvisado ajuda a atrair o público formado com o que há de mais plural na cidade. Do microfone enfeitado com ursinhos de pelúcia, as duas cantam Hotel Califórnia, do The Eagles, enquanto um casal de garotas troca beijos, embaladas pela canção que faz parte do repertório, todo composto por músicas do pop e rock internacional, que ganham em suas mãos uma roupagem diferenciada.

Adaptadas ao espaço que a arte de rua ocupa em suas vidas, depois de um ano de calçadas, não pensam em largar a profissão. A única certeza que mantêm fielmente é a de que aconteça o que acontecer, a amizade de dezessete anos estará sempre acima de qualquer coisa, então que seja para o sucesso.





Luiz Carlos Ribeiro (Rodela)

Todas as sextas e sábados, a rotina é a mesma. Luiz Carlos Ribeiro levanta bem cedo, pega sua mala e segue para tomar o trem na estação Itaquaquecetuba. Depois de duas baldeações, chega na São Bento, estação da linha azul do metrô, na região central de São Paulo. Durante todo o caminho, ele passa despercebido pela multidão de gente que entra e sai dos vagões, mas basta ele sair de dentro do banheiro do bar em que faz a sua transformação para, enfim, parar o local. Todos querem ver de perto "o homem da tv".

No auge dos seus 60 anos, o artista hoje sabe que é preciso ter pés no chão para lidar com a mídia, porém a fama que ela proporciona é arrebatadora. Não há dúvidas de que é a tal da popularidade que faz com que suas apresentações pela cidade fiquem sempre lotadas. É só Rodela, sua personagem, entrar em ação que as pessoas se aglomeram para assistir. Mas nem sempre foi assim.

Nascido no Rio de Janeiro, aos cinco anos foi para Recife com toda a família. Desde pequeno, Luiz Carlos era agitado, fazia piadas e brincava com os colegas na escola. Tanto que não conseguiu parar em nenhuma e logo abandonou os estudos. Na juventude, começou a namorar uma mulher mais velha e rica, que sonhava em tentar a vida em São Paulo. Veio junto. Ao chegar aqui, o relacionamento não deu certo, mas ele conseguiu seu primeiro emprego na cidade, como peão de obra.

No que diz respeito a profissão, sempre soube que não nasceu para ficar preso. Já no quesito amor, é enclausurado em Vera, que conheceu no chão de fábrica, sua companheira na alegria e na tristeza há mais de 35 anos.

A primeira vez que apareceu na televisão foi no início da década de 90, no Show de Calouros apresentado pelo Sílvio Santos. Vagner Montes, Elke Maravilha e Pedro de Lara até chegaram a gostar das suas caretas e imitações, mas acabaram escolhendo seu concorrente que comia bananas de cabeça para baixo. Na época, ainda era operário e resolveu arriscar apenas para ganhar uns trocados. Naquele dia, levou para casa três mil cruzeiros.

Após ser demitido da metalúrgica, acabou se rendendo ao trabalho informal. Foi trabalhar de marreteiro, vendendo artigos vindos do Paraguai dentro dos vagões de trem. Logo não demorou para montar uma banquinha de camelô na rua Barão de Itapetininga. Foi lá que tudo começou. Certo dia, levou a roupa da esposa sem que ela soubesse e começou a fazer caretas enquanto vendia os produtos. Chegou a um ponto em que ninguém mais queria comprar, a atração principal do seu negócio era ele próprio.

Foi então que tomou uma das decisões mais radicais de sua vida. Resolveu arrancar todos os dentes sadios da boca para facilitar a composição das caretas. Obviamente que ele penou para encontrar algum profissional dentista que fizesse o trabalho, porém sempre existe aquele em que o dinheiro fala mais alto. No início, foi difícil se acostumar com a dentadura e as dores na hora de fazer as micagens. Hoje, só incomoda quando passa muito tempo trabalhando. Aí, é preciso dar uma pausa para descansar os músculos faciais.

O nome Rodela surgiu após uma discussão com a mulher. Ao chegar do trabalho cansado todos os dias, ia atrás de uma caipirinha com um tira-gosto. Como não tinha nada de diferente para petisco, acabava pegando as rodela que a esposa cortava de tomate e cebola para o preparo da salada do jantar.

- Um dia, ela ficou brava, gritou que, se eu continuasse beliscando tudo, na hora de comer não iria ter nada. Aí eu comecei, 'Ô Dona Rodela. Tudo bem, Dona Rodela!' Percebi que o nome era legal, simples e engraçado.

A personagem é inspirada nas mulheres da sua família. Na maioria de suas enquetes, utiliza um celular modelo tijolão. A graça está nos diálogos imaginários que troca com os parentes de Recife, no outro lado da linha. A conversa em tom gritado faz parte do improviso que gira em torno de diversos assuntos: quem ficou prenha, quem virou corno ou quem morreu. Fica

difícil o povo não se identificar, já que muitos passam pela mesma situação todos os dias, mandando pelo telefone a saudades e as curiosidades das fofocas do nordeste.

Por saber que seu humor falava diretamente com o povo mais humilde, Luiz Carlos se encantou quando viu o programa Ratinho Livre, do apresentador Carlos Massa, pela primeira vez. Começava ali uma peregrinação diária até a porta dos estúdios da Rede Record, na rua da Várzea, no nº 240, como ela gosta de contar em detalhe.

Todos os dias, tentava uma oportunidade, pois sabia que, se o Ratinho visse seu trabalho, iria contratá-lo. Um dia, estava nas ruas trabalhando e a produção das Noites do Terror, do extinto parque de diversões Playcenter, viu o seu número e o convidou para trabalhar em uma temporada. Foi lá que encontrou alguém que poderia lhe dar um empurrãozinho na carreira, um amigo que conhecia o diretor do programa.

- Cheguei lá ainda de manhã com a minha pasta que eu sempre carregava com matérias de jornais e revistas sobre o meu trabalho. O diretor pediu para eu esperar que iria mostrar para o Ratinho. Quando ele voltou, já era três horas da tarde, eu estava morrendo de fome. Disse que o Ratinho tinha gostado, viu que eu tinha bagagem e queria fazer um teste comigo no palco ao vivo. Fui para o ar com a dupla Chrystian e Ralf que choraram de rir comigo. Quando acabou o programa, o Ratinho veio correndo atrás de mim e me disse que a partir daquele dia, queria a Rodela na atração.

Naquela época, o programa era um sucesso, com altos índices de audiência. Luiz Carlos vivia o sonho de aparecer na televisão, mas, quando completou três meses de casa, o Ratinho fechou contrato com o SBT. Como para interpretar a Rodela não recebia salário, apenas um cachê por semana, não pensou duas vezes em aceitar a proposta da Record em oferecer um pagamento mensal de 5 mil reais, livre, com um contrato de 4 anos, mais uma quantia de 10 mil reais. O apresentador não gostou, porém não tinha como levar sua trupe com as mesmas condições para outra emissora.

Após sua saída, quem assumiu o programa foi o apresentador Gilberto Barros, que logo teve o nome da atração modificada para "Leão Livre". Segundo Rodela, foi dele a decisão de colocá-

lo na geladeira, ou seja, de deixá-lo fora da telinha. Foram anos fazendo poucas aparições, o que gerava desespero para quem sempre viveu de fazer os outros rirem.

Passado o tempo do contrato, Carlos Massa pediu para que o buscassem. Ele reconheceu que, no lugar do humorista, em respeito a sua família, também teria feito o mesmo por dinheiro. Quando chegou ao SBT, surgiu uma ordem interna de que nenhum humorista seria contratado direto, quem tivesse interesse em gravar receberia um cachê de freelance, um valor inferior ao seu salário anterior.

Foi nesse momento que viu sua vida desmoronar e seus trabalhos diminuir ainda mais. Depois de muito pensar, não teve jeito. O pai de família teve que colocar sua capa de super-herói, no caso as roupas da Rodela, e encarar mais uma vez aquela que sempre o esteve esperando, a rua.

Dessa vez, ela foi ocupada não por vontade e, sim, por ser a única opção. Conseguiu produzir uma coletânea com algumas imagens de suas apresentações na televisão e criou um DVD para ser vendido durante seu show, o que ajudou bastante no orçamento. Na época do Kassab, era preciso esconder o material para não ser apreendido pela polícia. Já hoje, com o Haddad e a legislação em vigor, pode, além de vender o DVD, cobrar uma colaboração espontânea por cada selfie. Mesmo tendo a fama ao seu lado, o preconceito, às vezes, bate à sua porta.

- Sempre passa alguém aqui na rua e grita ‘Aê, xarope! Vai arrumar um emprego, fica se vestindo de mulher aí’. Eu não dou nem bola, é um coitado. Já briguei, mas, depois, percebi que isso, pelo nome que eu tenho, não fica legal.

Paralelo ao seu trabalho nas ruas, ele continua recebendo de vez em quando convites para participar como convidado especial de alguns programas da televisão. Mas seu maior sonho mesmo é voltar a conseguir um contrato em algum projeto humorístico.

- Eu não procuro a televisão porque tenho uma dificuldade, eu não estudei, televisão é texto. A Globo, mesmo com a Zorra Total, tem que decorar o texto, e eu não decoro. Eu acabo de ler uma palavra aqui e já esqueço. Meu negócio é no improviso, a não ser quando o pessoal chega e vai falando, faz isso ou faz aquilo. É o caso do Pânico na TV. Mas, se botar um texto na mi-

nha mão... Não desenrolo. Esse que é o problema que me impede de estar em uma grande emissora. Eu nem procuro, pois sei que não vou passar. Vou vivendo aqui na rua, dá pra viver...





Grupo Folklórico Kantuta Bolívia

Foi durante uma rotineira troca de plantão que o médico Carlos Gregório Telleria encontrou aquela que o faria fincar para sempre seus pés em solo tupiniquim. Internada com fortes dores abdominais, Maria Elizabeth Casado, quase teve sua vesícula retirada. Ao examiná-la, constatou que não haveria necessidade do procedimento. Mandou cancelar e salvou a futura mãe de seus filhos da mesa de cirurgia. Começava ali um romance que já dura 30 anos, e Beth, como é conhecida, ganharia além do sobrenome do marido, o amor pelo país natal de seu amado, o Estado Plurinacional da Bolívia.

Mas essa história começa antes. Pensou em ir para o México, Espanha e até a Austrália por possuir um programa especial destinado a estudantes de medicina, porém a proximidade geográfica e a facilidade do idioma fizeram com que Carlos optasse pelo Brasil. Deixou seu posto em um hospital local e partiu para São Paulo a fim de concluir seus estudos. Ao voltar para La Paz, onde nasceu, percebeu que já havia outro trabalhando em seu lugar.

Naquela época, por volta de 1970, a Bolívia ainda era um país com poucas chances, ainda mais para doutores recém-formados. A oportunidade que ele esperava nunca chegou. A ditadura, que aterrorizou o povo andino de 1964 a 1980, encarregou-se de tumultuar a já então tumultuada vida política do país, o que acabou gerando muitas evasões.

Com isso, a primeira geração de bolivianos chegava ao Brasil. Comerciantes e estudantes que carregavam na bagagem mais do que sonhos, traziam consigo a vontade de vencer. A segunda geração, da qual Carlos faz parte, também era constituída por acadêmicos e profissionais liberais que vinham em busca de uma oportunidade para desenvolverem suas atividades.

Muitos imigrantes se naturalizaram brasileiros para adentrar no serviço público, enquanto outros, como Carlos, preferiram manter-se firmes no orgulho de representar a pátria que traz em seu nome uma homenagem ao libertador Simón Bolívar, grande líder revolucionário que comandou a emancipação de vários países latino-americanos.

A vinda de bolivianos para São Paulo foi aumentando e, com isso, a busca por trabalhos também. Nos anos de 1980, sem os adventos tecnológicos hoje existentes, a rua se transformou na melhor forma de oferecer e encontrar emprego. A praça Padre Bento, localizada na frente da Igreja de Santo Antônio do Pari, na região central da cidade, virou o ponto de encontro andino, cheio de ofertas e procuras de mão de obra.

Tomando pouco a pouco conta do largo, logo a comunidade foi crescendo e, junto com ela, a saudade da terra natal. Para matar o aperto no peito, só saboreando um bom anticucho, uma espécie de espeto feito com o coração do boi. A procura pelas delícias com gosto de casa só aumentou, fazendo com que não demorasse em ganhar novas barracas cheias iguarias e baduques trazidos de lá. Assim, o local ganhou o nome de Feira Kantuta, em homenagem a flor nascida na região do altiplano andino que possui as mesmas cores da bandeira boliviana: vermelho, amarelo e verde.

Apenas em 2002, a Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana Padre Bento conseguiu um local para chamar de seu: a Praça Kantuta. Um terreno desocupado próximo ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo foi disponibilizado pela prefeitura durante a gestão de Marta Suplicy, eleita na época pelo Partido dos Trabalhadores. A região escolhida foi estratégica por fazer parte de um triângulo geográfico que contempla os bairros do Bom Retiro, Pari e Brás, onde a maioria dos imigrantes vindos da Bolívia vive e trabalha.

Para quem está fora de seu lar, o contato com outras pessoas que emigraram, muitas vezes, é o acalanto necessário para enfrentar as dificuldades apresentadas pelo dia a dia. A feira, realizada todos os domingos na praça, possui o dom de transportar seus frequentadores para as movimentadas ruas de La Paz.

Tal como lá, as barracas na calçada oferecem uma gama variada de produtos e serviços, como cereais, malhas feitas com lã de lhamas, chá de folha de coca, instrumentos musicais e as famosas peluqueras (cabelereiro). Na ala gastronômica, o visitante pode desfrutar do cardápio com o melhor da culinária andina, Chairo (sopa de batatas com carne), Buñuelo (massa frita) e Thimpu (cordeiro), regados com muita Chicha Morada, que nada mais é do que o suco de milho roxo.

Já a prática das danças típicas, no início, possuía um outro endereço. Era na Avenida Paulista, em um restaurante chamado Puertas del Sol, onde um conjunto de conterrâneos se encontravam para tocar e bailar músicas folclóricas. Poucos casais dançavam. Cerca de seis a oito a cada noite. Carlos e Beth contam que o local era um ambiente elitizado, assim como os outros lugares que os recebiam para dançar. Havia uma incômoda divisão de classe que só foi perdendo espaço com a chegada maciça de jovens imigrantes.

Nascia em 1987, o Grupo Folklórico Cultural Kantuta Bolívia, o primeiro conjunto de danças típicas da Bolívia no Brasil. Apesar do nome ser o mesmo, o projeto artístico e a feira não possuem a mesma administração, sendo totalmente independentes e distintos desde a fundação.

Os ensaios abertos acontecem na Praça Kantuta e os fechados em uma escola estadual. Beth conta que a feira é como se fosse a sala de estar de sua casa. É ali que ela recepciona os amigos, almoça e divide momentos com uma boa charla, conversa em espanhol. Entre eles, o papo acontece em português, mas é possível perceber na mesma frase algumas palavras em castelhano, soltas pelo ar.

A história do Kantuta Bolívia, muitas vezes, confunde-se com a própria trajetória de vida dos dois. Juntos, constituíram uma família; ao lado de amigos, fundaram o grupo e, hoje, conduzem as atividades.

- Sou resistente. Acredito imensamente na organização coletiva, não creio no separatismo. Aconteça o que acontecer, sempre estarei em grupo.

As ações de Carlos reforçam suas palavras. Atualmente, o Kantuta Bolívia possui oitenta membros, mas, nas últimas atividades, o número já atingiu 120 componentes entre crianças, jovens e adultos. Nem todos são bolivianos. Como fruto da integração dos dois países, uma nova geração de descendentes nasceu. Por esse motivo, a maior parte dos integrantes é brasileira, acompanhada por outros jovens imigrantes latinos como chilenos, paraguaios e peruanos.

Com o crescimento do número de componentes, foi preciso, também, organizar melhor a estrutura interna da companhia. As divisões e descontentamentos presentes na maioria das atividades coletivas começaram a ganhar espaço. As próprias eleições para definir a diretoria tiveram de dispor da presença de fiscais e advogados. Tudo legalizado e democrático.

Ao contar com orgulho parte das histórias vivenciadas durante todo o tempo que tem se dedicado ao grupo, Carlos aproveita e aponta para uma moça ao lado como quem diz “esta história também tem que fazer parte de você”.

Ela é o braço direito do casal Telleria na organização, vice-presidente da entidade, Solange Romero Maita. A pele avermelhada coberta pelos cabelos lisos, escuros e brilhantes, não esconde que ela é filha de bolivianos. Brasileira formada em turismo, a jovem conheceu a dança folclórica por meio da influência familiar e, desde então, consome apenas a cultura que trouxe no sangue. Ela vive aqui como se estivesse lá. Por ironia do destino ou coisa que o valha, quando esteve por lá, não conseguiu se adaptar. A altitude, a culinária e os costumes fizeram com que resolvesse permanecer para sempre no país de Cabral.

O preconceito incomoda Sol. Tanto que cansa em ter que responder que nem todos os bolivianos trabalham com costura ou chegam ao país em condições precárias. Que muitos, com estudo ou não, possuem profissões, e todos são trabalhadores podendo, sim, contribuir com o desenvolvimento tecnológico, cultural e social do Brasil. Em sua argumentação, é bonito ver os laços invisíveis que constituem brasileiros descendentes dos Incas.

Como não acreditar na força de uma nação que não se rendeu a um dos maiores símbolos do capitalismo norte-americano? Que esnobou o gosto artificial dos sanduíches do McDonald's,

preferindo ficar com o tradicional sabor caseiro das deliciosas saltenhas, o que resultou no encerramento, após cinco anos, das oito lojas da rede de fast food no país.

Sem falar na firme posição do presidente, Evo Morales, o primeiro governante de origem indígena do país. Socialista, cocaleiro e sindicalista, ele vem desafiando as maiores potências mundiais a favor do cultivo da coca, um patrimônio cultural dos povos andinos, filhos da Pachamama.

O passado de sofrimento nas mãos dos colonizadores agora é lembrado com alegria, nas danças executadas pelo grupo. Criada em 1969 pelos irmãos Estrada Pacheco o Caporal, carro chefe da companhia, foi inspirada na dança afro-boliviana Caporal da Saya, da região dos Yungas, no norte da Bolívia. O nome se refere aos traidores capatazes que cuidavam das fazendas no período colonial.

Com giros, saltos e chutes, a dança masculina possui como característica movimentos ágeis e atléticos, enquanto a feminina ressalta a feminilidade e a sensualidade das cholas, mulheres bolivianas. O figurino é essencial. Os homens utilizam camisas com grandes ombreiras, chapéus e botas com guizos, simbolizando com o som as correntes que prendiam os escravos. Já as mulheres costumam usar blusas com largas mangas e mini saias com muito brilho.

A cada ano, os figurinos são trocados e a negociação é feita pelo próprio presidente em exercício que viaja até a Bolívia para selecionar os materiais e negociar a compra. Depois de analisar os desenhos, as cores e as tendências do ano, é que se começa a parcelar o valor das roupas que serão usadas.

Como os dançarinos não recebem nenhuma ajuda financeira, acaba tornando-se difícil exigir a presença em todos os eventos. Além de não ganhar, são eles quem pagam a confecção de seus figurinos. Ricos em detalhes de brilho e bordado, cada traje chega a custar no mínimo 600 reais, dependendo dos materiais utilizados.

Sem a mesma qualidade de matéria prima e produção das peças, todas são confeccionadas na Bolívia pelas mesmas mãos que fazem os tradicionais trajes do Carnaval boliviano de Oruro, a capital folclórica do país, explica Sol.

- Se você quiser comer um acarajé, vai preferir o do baiano, não o do paulistano.

Em São Paulo, o grande momento da colônia boliviana é a realização, no mês de agosto, da festa em comemoração ao aniversário de Independência da Bolívia com rituais de louvor à santa padroeira Virgem de Copacabana e à Nossa Senhora de Urkupiña, protetora dos imigrantes. O evento no Memorial da América Latina, na Barra Funda, chega a reunir mais de 60 mil bolivianos que, em dois dias de programação, lotam o espaço com o objetivo de aproveitar a feira artesanal e gastronômica e o desfile dos mais de dez grupos de dança folclóricas. Tudo gira em torno dessa data, é para ela que são ensaiadas as novas coreografias e confeccionados os figurinos.

Na última edição, a participação do Grupo Folklórico Kantuta Bolívia, com as cores alegres dos figurinos acompanhados pelos movimentos ágeis e graciosos de seus integrantes, foi ofuscada perante os olhos pequenos e cheios de lágrimas do casal Telleria. É que uma cholita em especial, sua filha, não pôde comparecer. Virou estrela.





O músico que faz das ruas seu local de trabalho fica suscetível a todo o tipo de interferência externa. Não apenas da chuva, que faz com que o artista tenha que encerrar o show antes da hora, ou do sol, que desafina o instrumento.

Estar ali, diariamente exposto, faz florescer o sentimento de companheirismo junto ao público, sendo, a cada dia, surpreendido por ele. Willian Lee sabe bem disso.

Aquele parecia ser um dia normal e assim foi. Chegou ao centro da cidade, na região da Santa Ifigênia, com seu carrinho de mão adaptado. Dentro dele, uma bateria de carro, mesa de som e tablet. A infinidade de fios naturalmente demarcava o palco improvisado, composto ainda pelo pedestal do microfone e a caixa de som. Como de costume, começou a fazer um som.

Na dinâmica frenética da cidade com pessoas indo e voltando, partindo e chegando, o pedido de um rapaz que perguntava se poderia gravar o show foi respondido com um “claro, é sempre um prazer!”.

Deu conta após alguns dias quando um amigo de outra cidade ligou perguntando se Willian sabia o que estava acontecendo. Só percebeu que havia algo diferente quando abriu o Facebook e se deparou com milhares de solicitações de amizade e mensagens, além da caixa de entrada do e-mail lotada.

Um vídeo dele tocando Sultans of Swing da banda britânica Dire Straits, postado no site YouTube por Léo Franclin, seu fã, inexplicavelmente tinha se tornado, na linguagem das re-

des sociais, um viral com 500 mil visualizações apenas de quinta para sábado. A alta circulação do material o fez alcançar uma grande popularidade e o transformou, do dia para a noite, em um fenômeno da internet.

Este texto poderia terminar aqui, porque nas entrelinhas tudo já teria sido dito. Mas toda história tem um começo, na maioria das vezes, um pouco difícil. A dele não foi diferente.

Nascido em Belo Horizonte, filho de um militar e uma dona de casa, Willian ganhou dos pais uma forte herança musical. Em seu lar, o rádio ficava o tempo todo ligado, sintonizado nas canções sertanejas de raiz. Na visita até a casa dos tios na roça, eram as modas de viola caipira que embalavam suas tardes.

Já influenciado pelos amigos da escola, estreou na música em 1983, aos quatorze anos, apresentando um cover da música Billie Jean, do Michael Jackson, no programa Clube da Criança. Com dezesseis, ganhou o primeiro violão da mãe e, de maneira autodidata, começou a tirar das cordas seus primeiros acordes.

Como não nasceu em berço de ouro, demorou alguns anos para ganhar a tão sonhada guitarra. Quando enfim recebeu o presente, descobriu, naquele momento, o que queria fazer para o resto da vida. Só não sabia que, assim como seu ídolo da infância Bruce Lee, de quem depois herdaria o nome artístico, também teria que lutar para conquistar seu espaço.

O instrumento virou a extensão de seu corpo, um pedaço de si. Atrás de guitarristas amigos do bairro, pedia dicas de como tocar. Eles escondiam as manhas, os truques, ensinavam errado ou passavam para frente só o manejo básico.

Começou a trabalhar como vendedor de sapatos e roupas em uma loja do comércio e, só assim, pode pagar as aulas em uma escola de música. Porém, conciliar as oito horas de labuta em pé com os estudos não foi fácil. O rendimento e a evolução musical vinham a passos de tartaruga, o que incomodava demasiadamente o músico.

Como comerciante, conseguiu mudar para o ramo de vendas de instrumentos musicais. Ampliou seus horizontes, e São Paulo fez a sua parte: abriu as portas para o recepcionar. Acostu-

mado ao rock and roll, blues e jazz, foi conhecendo o cenário musical da cidade que se aproximou do country music. Praticamente, teve que reaprender a tocar.

Mantendo de dia a profissão de vendedor, começou a tocar na noite paulistana. Logo já estava participando dos shows de grandes nomes da música, entre eles o cantor Sérgio Reis. A rotina cansativa não intimidava o jovem músico, ao contrário, o aproximava, cada vez mais, da concretização do seu sonho de viver da arte. Ficou nessa vida por dois anos, até o famoso sertanejo sofrer um derrame cerebral e ter a sua agenda de shows inteira cancelada, sem previsão de volta.

Certo dia, tocando na loja em que trabalhava, seu cliente e amigo, Sérgio Murillo, perguntou o motivo pelo qual Willian ainda não se apresentava nas ruas. Sem nunca ter pensado nisso, colocou na balança o amor ao instrumento, os anos de dedicação e, acima de tudo, a angústia de querer tocar e não ter lugar. Viu que, se não tomasse uma atitude radical, continuaria para o resto da vida trabalhando na área de vendas.

Tomou coragem com as dicas do amigo. Largou o ofício de comerciante e foi para as ruas, virar definitivamente artista. Essa data ele nunca irá esquecer: 10 de fevereiro de 2014. Tímido, na frente do Café Girondino, próximo ao metrô São Bento, tremia mais que vara verde. Foi difícil acertar uma música.

Depois, pegou o gosto. Começou a desenvolver um trabalho mais elaborado, identificando o que o público queria. Simples e de família humilde, não demorou muito para se adaptar ao contato direto com o povo, sentia-se em casa. Dá asas à nostalgia ao tocar músicas dos anos 60 aos 90, ritmos que embalaram muitos momentos marcantes nos capítulos da vida dos passantes do centro da cidade.

Willian conquistou a diferença e, após o sucesso repentino, viu sua vida mudar de vez. Hoje, até o momento, seu vídeo mais famoso possui mais de três milhões e 320 mil visualizações. Diversos sites internacionais especializados em música replicaram seu material. Sem contar com as outras gravações também disponíveis no YouTube, que juntas contabilizam aproximadamente cinco milhões de visitas. E estes números só crescem.

Em uma tarde qualquer de um sábado, ele consegue atrair, a cada canção que toca, mais de 100 pessoas ao seu redor. Nem precisaria ter a placa “colabore com o artista” na caixinha de contribuições. Espontaneamente, as pessoas deixam ali dentro o reconhecimento em forma de nota. Se fosse agradecer verbalmente a cada um que colabora, não conseguiria cantar.

O CD, com músicas de composição própria, são vendidos por R\$ 10,00. A cada canção finalizada, ele para no intuito de autografar o material. As pessoas fazem fila, e ele conversa rapidamente de maneira carinhosa com todos. Enquanto isso, vai entretendo a plateia, contando passagens da sua vida, dedicando a próxima melodia ou falando alguma curiosidade do cover que irá fazer.

Aliás, quem organiza toda a estrutura são seus irmãos. Como toda família, às vezes, tem um quebra pau, mas eles acabam sempre de alguma forma se entendendo. Cada um possui uma função, o que ajuda também a estabelecer uma harmonia melhor entre eles. Saionara cuida da parte dos eventos, fechando os contratos para shows. Rodrigo cuida das gravações das bases musicais no estúdio, e Fernando está com Willian todos os dias na rua. Todos ajudam na administração das redes sociais, porém responder aos fãs ficou humanamente impossível. O artista recebe mais de 200 mensagens e e-mails diariamente.

Foram alguns desses recados de admiradores que fez com que Willian fosse até de Juiz de Fora, em Minas Gerais, fazer um show na rua. Quando chegou em uma das praças principais da cidade, foi recepcionado por uma multidão de gente e pelo policiamento municipal que não o deixou tocar. Mesmo com gritos e pedidos de que a apresentação fosse autorizada. não conseguiu continuar o show. Pediu aos policiais para fazer a saideira e recolheu seu material.

Já em São Paulo, certa vez o prefeito Fernando Haddad, ao sair de um restaurante, avistou Willian e foi direto falar com ele. Comentou do vídeo, parabenizou o trabalho e ainda brincou dizendo que “está ficando na boca do povo!”.

A rua hoje, na verdade, serve como uma vitrine para o artista. É lá que ele consegue os contatos para shows e eventos em diversas localidades do país, além da oportunidade de gravar alguns programas de televisão como o Encontros da Fátima Bernardes, Altas Horas do Serginho Groisman, Programa do Ratinho com o Carlos Massa, entre outros.

A época em que mais ganhou dinheiro foi durante a Copa do Mundo FIFA de 2014, quando teve a oportunidade de cantar para visitantes de diversos lugares do mundo. Na região central da cidade foi montada a FIFA Fan Fest, um ponto de encontro para moradores e turistas assistirem os jogos, o que acabava atraindo uma infinidade de gente. Só para se ter uma ideia, em uma das apresentações, um gringo pediu para tocar três vezes a mesma música, dando a cada bis uma nota de 20 dólares.

De segunda-feira, ele não trabalha. Acostumado a cantar mais de cinco horas diariamente, resolveu tirar o dia de folga para fazer aulas de canto, no intuito de preservar as cordas vocais com exercícios específicos. Além disso, costuma ter como mantra a máxima dos músicos que diz que “se você abandonar o seu instrumento por uma semana, ele te abandona por um mês”. Por este motivo, tem como costume estudar semanalmente o seu instrumento, já iniciando as pesquisas para seus próximos trabalhos.

- Não quero ser um músico que toca cover pelo resto da vida. É uma responsabilidade muito grande criar. Tocar algo que está pronto já é difícil, mas você consegue dependendo da música. Agora, criar algo que ninguém conhece, que é seu, partiu de você, que você sozinho idealizou, é muito mais complicado.

De tudo o que já viveu e do que ainda tem para desfrutar, sabe que seu trabalho é um agente transformador na sociedade. Teve diversas provas, mas a que mais o marcou foi no dia em que um senhor de aproximadamente 70 anos chegou devagarinho em seu show com sua bengala e um chinelão de couro. Ficou acompanhando a apresentação de Change The World do Eric Clapton e, em um determinado momento, pediu para falar com o Willian. Em seu ouvido, disse baixinho, com os olhos cheios de lágrimas:

- Eu vinha, hoje de manhã, pensando em muitas coisas. Estou vivendo um momento muito difícil na minha família, perdi meu filho. Estava pensando em tirar a minha vida. Você sabe o que é um pai velho perder um filho jovem? Não tenho mais o que esperar. Sou aposentado, fico o dia inteiro em casa sem fazer nada. Agora, vendo você aqui, comecei a imaginar as dificuldades que possui para fazer o seu belo trabalho. O quanto você teve que lutar para estar aqui. Se eu não tinha motivos para viver, a sua força será o meu motivo.



Posfácio

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos.

*De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro;
de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro;
e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã,
desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.*

(Tecendo a Manhã - João Cabral de Melo Neto)

Basta um olhar um pouco mais atento para notar os muros visíveis e invisíveis que cercam a cidade. Em sua geografia contraditória, São Paulo é um local dualizado. Heliópolis e Higienópolis, Cidade Tiradentes e Cidade Jardim, Itaim Paulista e Itaim Bibi, Jardim Ângela e Jardim Paulistano. Nomes tão parecidos para territórios tão diferentes.

É na proximidade do totem hexagonal em mármore chamado de Marco Zero da cidade que esse mosaico humano de condições socioeconômicas tão distintas se encontram de passagem. Na São Paulo partida ao meio, são os moradores das regiões mais extremas e periféricas que vivenciam diariamente o confinamento social e cultural.

Essa leitura urbana da cidade que retrata as diferenças marcantes no que diz respeito ao acesso à produção artística. Por esse motivo, as fronteiras abertas, por meio da arte de rua, têm estabelecido a possibilidade concreta do desenvolvimento individual e coletivo na intensidade de troca e interação social.

Em permanente transformação no que diz respeito às relações urbanas, São Paulo avançou em suas políticas públicas, mas necessita progredir ainda mais. A Lei Municipal nº 15.776 existe, porém são poucos os que a conhecem. Artistas ainda seguem sendo barrados em ruas e parques da cidade, fora da região central.

A falta de programas de incentivos, por meio de mostras e festivais ou até mesmo um atendimento mais direto com a Secretária de Cultura do município e as principais subprefeituras da capital, acaba dificultando o trabalho dos artistas.

Atualmente, o maior desafio da gestão de Fernando Haddad (PT), ao pensar as questões sobre cidade, cultura e democracia, é a necessidade de uma melhor regulamentação e fiscalização dos trabalhos dos artesãos nas ruas. Pontos importantes de circulação estão sendo ocupados por vendedores ambulantes que se passam por artistas para comercializarem produtos de origem chinesa.

Em uma sociedade capitalista baseada nos princípios de propriedade privada, ocupar as ruas é um ato de coragem. O verdadeiro artista merece palmas por deixar para trás a roda viva e assumir o protagonismo independente em seu território.

Muitos talentos precisam apenas de uma oportunidade. Um dos maiores exemplos é a companhia de arte circense Cirque du Soleil. Seu fundador Guy Laliberté começou a carreira como artista nas calçadas da cidade de Quebec, no Canadá. Resolveu dedicar-se ao circo, começando do zero com apresentações nas calçadas da cidade. Seu primeiro projeto foi a realização, em 1984, de um festival para artistas de rua, em comemoração aos 450 anos do país. Organizou assim um pequeno grupo de 20 artistas e batizou o coletivo com o nome do astro rei.

Desde então, a trupe não parou mais. O Cirque du Soleil conseguiu levar sua arte para mais de 100 milhões de espectadores em mais de 300 cidades em mais de 40 países em seis continentes, tudo isso por acreditar que a rua também poderia ser seu palco.

No Brasil, a experiência também mostra que com oportunidade os talentos oriundos da rua podem ser reconhecidos. Foi o que aconteceu com a dupla pernambucana de embolada Cajú e Castanha. Os irmãos começaram no improviso poético nas feiras e praças de Pernambuco, na

cidade de Jaboatão dos Guararapes, usando latas de marmelada como pandeiros. No início da década de 1980, os irmãos mudaram-se para São Paulo. Tiveram que morar debaixo do Minhocão, no Viaduto do Chá, na rodoviária e na estação do Brás, enquanto apresentavam de ônibus a cultura popular nordestina. O sucesso demorou, mas chegou.

Desde que o prêmio de Melhor Álbum de Música Regional ou de Raízes Brasileiras no Grammy Latino foi instituído, no ano 2000, os músicos já receberam 5 indicações por seus trabalhos. Na carreira, apresentações no Festival Montreux, na Suíça, no Grammy, nos Estados Unidos e em Cannes, na França fazem parte do currículo. Pelas mãos do cineasta Walter Salles, ambos viraram personagens principais de um curta-metragem.

Florescer a consciência de classe é fundamental. A rede que se estende por trás de cada um deles é pequena, o que, às vezes, torna-a invisível. Apenas alguns são participantes ativos nas discussões que os envolvem. Outros tornam-se vulneráveis por não possuírem um histórico de organização coletiva. A arte, por sua natureza, é autônoma, mas formalizar itens importantes como, por exemplo, direitos trabalhistas e previdência social tende a ser necessário.

Aprender com as experiências passadas para repensar os problemas presentes e estruturar o futuro. A realidade pode ser melhorada, desde que todos caminhem juntos.



Bibliografia

ASSOCIAÇÃO ARTISTAS NA RUA. **Artistas na Rua**. Disponível em:

<<http://www.artistasnarua.com.br>>. Acesso em: 19 mar. 2014.

BENJAMIM, Walter. **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRUM, Elaine. **O olho da rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

CHAUÍ, S.M. **Cultura e Democracia**. 13.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

DIEGO SALMEN (São Paulo). Uol. **Prefeitura expulsa artistas de rua da av. Paulista; para jurista, proibição é "ato nazista"**. 2010. Disponível em:<<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/11/22/prefeitura-expulsa-artistas-de-rua-da-av-paulista-para-jurista-proibicao-e-ato-nazista.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

DOMINGOS, Mariana Pasini e Roney. **Artistas de rua fazem passeata contra supostas restrições da Prefeitura**. G1. São Paulo. 20 dez. 2010. Disponível em: <<http://glo.bo/hQmtA3>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **São Paulo**. Diretoria de Pesquisas - DPE - Coordenação de População e Indicadores Sociais - COPIS. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/232IH>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

MELLO, Luiz Gonzaga. **Antropologia Cultural: Iniciação, Teoria e Temas**. São Paulo: Vozes, 2007.

MOVIMENTO DOS ARTISTAS DE RUA E SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA (São Paulo). Prefeitura da Cidade de São Paulo. **Arte na Rua: Um guia ilustrado sobre a legislação da cidade de São Paulo para artistas de rua**. São Paulo, 2014.

OBSERVATÓRIO DO TURISMO DA CIDADE DE SÃO PAULO (São Paulo). São Paulo Turismo S/A. **Artistas de Rua: Levantamento e pesquisa de perfil**. 2011. Disponível em: <http://www.observatoriodoturismo.com.br/pdf/artistas_ rua.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2014.

OLIVEIRA, Juca. **A reversão de equívocos históricos para novos imaginários urbanos. Folha de São Paulo**. São Paulo. 03 jan. 2016. Disponível em: <<http://folha.com/no1723759>>. Acesso em: 03 jan. 2016.

MARIANA PASSINI (São Paulo). Uol. **Para artistas de rua, lei dá mais segurança e incentiva maior atuação**. 2013. Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2013/08/20/para-artistas-de-rua-lei-da-mais-seguranca-e-incentiva-maior-atuacao.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Secretaria Executiva de Comunicação. (Ed.). **Decreto regulamenta apresentação de artistas de rua na cidade**. 2014. Disponível em: <<http://www.capital.sp.gov.br/portal/noticia/2282/#ad-image-0>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Câmara Municipal de São Paulo. Câmara Municipal de São Paulo. **Câmara Municipal realiza seminário sobre artistas de rua**. 2011.

Disponível em: <<http://www.camara.sp.gov.br/blog/camara-municipal-realiza-seminario-sobre-artistas-de-rua/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

RODRIGUES, Artur. **Haddad vai revogar decreto que endurece regras para artistas de rua**. Folha de São Paulo. São Paulo. 9 abr. 2014. Disponível em: <<http://folha.com/no1438043>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2003.